

## O profissionalismo em Belo Horizonte na década de 1940: impactos do/no torcer

Professionalism in Belo Horizonte in the 1940s: Impacts of/on Cheering

**Sarah Teixeira Soutto Mayor**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Governador Valadares/MG, Brasil  
Doutora em Estudos do Lazer, UFMG  
sarahsoutto@gmail.com

**Silvio Ricardo Silva**

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil  
Doutor em Educação Física, Unicamp

**Georgino Jorge de Souza Neto**

Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros/MG, Brasil  
Doutor em Estudos do Lazer, UFMG

**RESUMO:** O presente artigo tenciona analisar o projeto de profissionalismo do futebol na cidade de Belo Horizonte e sua relação com os modos de torcer, a partir da produção discursiva da imprensa. O período investigado é a década de 1940, posterior à adoção do regime profissional na capital mineira, em 1933. O corpus documental foi constituído por reportagens de jornais e revistas publicados em Belo Horizonte durante a década de 1940. De modo geral pode-se compreender que os modos de torcer e a figura do torcedor são reelaborados pela dinâmica do futebol profissional, na conflitante transição pós-amadorismo. Como parte essencial do espetáculo, os comportamentos passionais do torcedor deveriam ser adequados ao modelo festivo, sem, contudo, desequilibrar o contexto de uma ordem moderna conformada pelo panorama do profissionalismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol; Profissionalismo; Torcer.

**ABSTRACT:** This article intends to analyze the project of football professionalism in the city of Belo Horizonte and its relationship with the ways of cheering, based on the discursive production of the press. The period investigated is the 1940s, after the adoption of the professional regime in the capital of Minas Gerais, in 1933. The documental corpus consisted of articles from newspapers and magazines published in Belo Horizonte during the 1940s. The choice was made due to the concentration of reports in these years directed towards the objective of the article. In general, it can be understood that the ways of cheering and the figure of the fan are re-elaborated by the dynamics of professional football, in the conflicting post-amateurism transition. As an essential part of the show, the fans passionate behavior should be adapted to the festive model, without, however, unbalancing the context of a modern order shaped by the panorama of professionalism.

**KEYWORDS:** Football; Professionalism; Cheer.

## INTRODUÇÃO

O futebol, na década de 1940, já lograra um espaço importante na cultura da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais. Importante e, pode-se dizer, irreversível. Era o esporte que mais ocupava as páginas dos jornais e que mais movimentava as paixões do grande número de torcedores que se formava ao redor dos esquadrões clubísticos. No caminho de sua profissionalização, distanciou-se sobremaneira de outros esportes praticados na cidade, ampliando a popularização do jogo e a ressignificação de práticas e costumes que os defensores do amadorismo, praticado nos anos iniciais do esporte como estilo de vida e como signo de *status*, entendiam como pouco condizentes com os princípios educativos do esporte.<sup>1</sup>

A regulamentação do regime profissional mantém, assim, importantes relações com as mudanças nos comportamentos e nos costumes que se processariam paulatinamente com a transformação dos próprios objetivos do jogo, como a supervalorização do rendimento e da vitória. A adoção formal do profissionalismo aconteceu na cidade de Belo Horizonte em maio de 1933,<sup>2</sup> após a implantação do regime na capital federal em janeiro de 1933, e em São Paulo, em março do mesmo ano.<sup>3</sup> Pode-se dizer que o que se sucedeu na capital mineira e nas outras cidades brasileiras foi resultado de um fluxo mundial que se iniciou na Inglaterra em 1885, expandiu-se para países da Europa Continental nos anos 1920 e chegou ao continente sul-americano no princípio da década de 1930.<sup>4</sup> O futebol

---

<sup>1</sup> SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*; LAGE. *Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais*; SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*.

<sup>2</sup> MOURA. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*; LAGE. *Deixem em paz os nossos cracks*; SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

<sup>3</sup> CALDAS. *Pontapé inicial: uma memória do futebol brasileiro (1894-1933)*; NEGREIROS. *A nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40*; PEREIRA. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*; PEREIRA. *O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937)*. GUTERMAN. *O futebol explica o Brasil*; SANTOS. *Revolução Vascaína*.

<sup>4</sup> WAHL. *Historia del Fútbol, del juego al deporte*; IWANCZUK. *Historia del fútbol amateur en la Argentina*; REYNA. *La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)*. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales; CLAUSSEN, Detlev. *Béla Guttmán: uma lenda do futebol do século XX*; ALABARCÉS. *Fútbol y patria*; FRYDENBERG. *Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*.

tornara-se rapidamente um produto e as constantes transferências de jogadores entre clubes e países é um dos exemplos mais representativos.

Entretanto, isso não significa dizer que o valor atribuído à figura idealizada do esportista amador (seja o jogador, seja o torcedor) tenha desaparecido; ao contrário, no jogo permanente entre tradição e modernidade, entre referência histórica e inovação e entre seletismo e vulgarização, a manutenção de atitudes consideradas amadoras em tempos de profissionalismo foi um predicado enaltecido e valorizado dentro e fora das quatro linhas.

Os torcedores compõem um grupo de relevância significativa nesse contexto. Ora chamados a manifestar fielmente suas paixões, ora convidados a educá-las diante de um contexto em que o esporte já se desenvolvia enquanto um produto de mercado, mas estando inserido em uma sociedade que urgia em replicar códigos de civilidade. Lealdade, amor ao clube e paixão, muitas vezes desmedidos, já prenunciavam o surgimento de grupos de torcedores que se organizavam para criar coletivamente determinadas manifestações, como os “enterros” dos clubes perdedores. Nesse caso, o componente passional, incentivado em outros momentos, tornava-se um elemento a se extinguir, e sob justificativas que se fundavam em um ideário amador que já não fazia tanto sentido naquele contexto.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar o período que sucedeu a implantação do profissionalismo em Belo Horizonte, especificamente a década de 1940, no que tange especificamente ao comportamento do público torcedor e aos mecanismos de controle empregados. A problematização dessas questões visa trazer à tona parte do contexto do regime profissional à época, com suas promessas e ambiguidades, em especial no que tange às relações com os torcedores.

O corpus documental foi constituído por reportagens de jornais e revistas publicados em Belo Horizonte durante a década de 1940, momento em que o regime profissional caminhava para um processo de consolidação, mas em meio as dificuldades e os problemas do período amador que pareciam estar longe de serem sanados. Para esse artigo, foram utilizados o Diário Esportivo, a Folha Esportiva, o Álbum de Vistas do Minas Tênis Club, o jornal A Raposa e O amadorista.

Sobre o Diário Esportivo, seu surgimento data de 26 de julho de 1945. De acordo com Linhares,<sup>5</sup> era uma espécie de apêndice do jornal o Diário. Para o colecionador, era a melhor publicação esportiva da cidade e a que mais havia durado. Comportava uma sessão específica sobre futebol. Já a Folha Esportiva data de setembro de 1946. Na percepção de Linhares, foi um periódico que honrou a imprensa esportiva, com um noticiário farto e muitas ilustrações. O Álbum de Vistas no Minas Tênis Club, como o próprio nome sugere, dedicava-se a publicações sobre o clube referenciado. Era uma publicação extensa, com noticiários diversos, muitas imagens e informações sobre variados esportes. O jornal O amadorista entrou em circulação em 26 de agosto de 1946 e era um veículo a serviço do futebol amador. Segundo Linhares, cumpriu a função de prover os amadores de informações sobre seus clubes. Teve apenas cinco números. Por fim, o jornal A Raposa, iniciado em 16 de junho de 1946, prometia ser a “palavra da torcida cruzeirense”. Teve vida curta, sendo lançado apenas em três números.<sup>6</sup>

Com exceção do Álbum de Vistas, que não tinha o futebol como foco, e do jornal A Raposa, declaradamente um veículo da torcida cruzeirense, é possível constatar pelas análises que os outros jornais mantinham noticiários sobre vários clubes mineiros, não apenas os da capital e que a predileção dos jornalistas pelos clubes era pouco exposta ou influenciava pouco nas notícias. O Diário Esportivo fugiu à regra em uma ocasião, em que expôs os times que os jornalistas torciam, alegando já ser de amplo conhecimento na comunidade futebolística. Esse exemplo será explorado mais à frente no texto.

A escolha dos anos 1940 se deu em razão de algumas particularidades, como a instalação de catracas; a criação do Tribunal de Penas da Federação Mineira de Futebol; a nova concepção espacial dos estádios; o aumento significativo do fluxo migratório de jogadores entre os clubes; e o adensamento irrefreável do público torcedor.

---

<sup>5</sup> Joaquim Nabuco Linhares foi um cidadão que se dedicou à coleta e guarda de variados impressos, entre o final do século XIX e meados do século XX.

<sup>6</sup> LINHARES. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte 1895-1954*.

Os exemplares dos periódicos foram consultados na Hemeroteca da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa (Belo Horizonte), na Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e no site da Coleção Linhares.

### **UM NOVO FUTEBOL: UM NOVO TORCER?**

Algumas características se mostraram bastante significativas nas páginas dos periódicos analisados, tais como: a valoração do espetáculo condicionada ao número de pessoas pagantes; a mensuração da capacidade dos torcedores em demonstrarem identificação com o clube, por meio de manifestações de fidelidade e afeto; e a conformação, ancorada fortemente nos pressupostos anteriores, de um novo modelo de comportamento desejável para a torcida.

Tais caracteres também delinearão relações paradoxais. A paixão, marca que se tornou distintiva do legítimo torcedor a partir da expansão do jogo, conformou-se como uma mostra de identidade e lealdade, predicados essenciais no fomento e na veiculação de um esporte-espetáculo, na medida em que possibilitou a ampliação do público consumidor e a transmissão midiática de um empreendimento de sucesso. Por outro lado, a mesma paixão impulsionadora do espetáculo tornava-se objeto de investidas de controle quando se ultrapassava o limite frágil que delimitava a viabilidade do excesso. Lyra Filho, primeiro presidente do Conselho Nacional de Desportos, entidade criada durante o Estado Novo, por meio do decreto 3.199/41, produziu alguns textos sobre o comportamento do torcedor de futebol que foram publicados no *Álbum de Vistas do Minas Tennis Club*. Suas ideias se fundavam na necessidade de orientar a torcida, no intuito de “ponderar as ondulações do entusiasmo, sem perdê-lo na frouxidão comprometedor do instinto”.<sup>7</sup> Essas prerrogativas se relacionavam ao próprio momento vivido pelo país e reverberado nos esportes, instaurado por meio do regime autoritário do Estado Novo (1937-1945), em que os esportes passavam a ser amplamente controlados pelo Estado.

Sob a égide das finalidades educativas e formativas do esporte, a paixão era tida como a antítese da racionalidade que se buscava na conformação de corpos

---

<sup>7</sup> FILHO. A arregimentação da torcida, p. 77.

habituaados a uma ideia de nação forte e equilibrada, polida e discreta<sup>8</sup> Particularmente em Belo Horizonte, uma cidade que ainda se construía e que ansiava pela conquista da propalada modernidade, este discurso seria significativamente importante. O futebol, inicialmente partícipe desse ideário, deslocou-se por outra via, aparentemente contraditória, a da paixão tão combatida por Lyra Filho, por exemplo.<sup>9</sup> Inimiga da razão moderna e das propostas de estadistas, intelectuais e jornalistas acerca da formação de um novo cidadão brasileiro, mais afeito aos princípios civilizatórios europeus, também serviu aos propósitos nacionalistas de unificação e de representação de um povo que se suporia identificar com um sentimento pátrio comum por meio das conquistas brasileiras no esporte. Uma identificação que seria fundamentalmente motivada por estratégias passionais, o que demonstra certa “contradição intencional”. Nesse ínterim, diferentes sentidos produzidos sobre a prática do futebol e que intentavam legitimar um comportamento ideal se intercruzavam.

O modelo inglês, amplamente veiculado na imprensa periódica mineira durante as décadas de 1930 e 1940 como o arquétipo do sportista por excelência, tornou-se fruto de uma das críticas produzidas no Jornal *Folha Esportiva* acerca do comportamento do torcedor em uma das partidas do campeonato mineiro: “Sob as vistas de um público displicente, pouco numeroso e sem nenhuma vibração. Pareciam, os próprios americanos, uma assistência britânica: assistiram ao ‘match’ assentados, fumando”.<sup>10</sup>

A busca excessiva pela vitória, razão que se tornou primordial nos embates esportivos, constituiu um dos fatores principais na transformação do comportamento dos torcedores. O acirramento das disputas clubísticas, já presentes em Belo Horizonte pelo menos desde a década de 1920,<sup>11</sup> conferiu ao torcedor certo protagonismo na produção do espetáculo. As manifestações de violência como alternativa de demonstração do descontentamento pelo rendimento da equipe – que, paulatinamente, passava a representar no plano subjetivo a própria percepção identitária do torcedor que com a equipe aliava suas

<sup>8</sup> SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

<sup>9</sup> SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

<sup>10</sup> MELANCOLICA despedida. *Folha Esportiva*, p. 1.

<sup>11</sup> SOUZA NETO. *A invenção do torcer em Belo Horizonte*.

próprias expectativas de sucesso – e a constatação, também subjetiva por parte do torcedor, de que ele se tornou componente do clube (no que tange ao direito de reagir frente a possíveis desagradados), incrementou a passionalidade das relações entre torcedor e agremiação.

Diante de uma derrota do quadro atleticano frente ao América, “não foram poucas as carteiras sociais rasgadas, os ataques à diretoria, os apuros aos profissionais da equipe”.<sup>12</sup> As simbologias que se prestavam a produzir identificações cada vez mais específicas e distintivas entre torcedor e clube eram destruídas na instantaneidade dos insucessos, para depois, em um novo e fugaz ímpeto de aceno vitorioso, serem novamente retomadas: o “Atlético seguiu para Uberaba. [...] o resultado: 3 x 0. O torcedor, aquele mesmo que rasgou a sua carteira, que gritou que o time não valia nada, proclama hoje [...] que o campeonato ainda será do Atlético. Que efeito maravilhoso possui o triunfo!”.<sup>13</sup>

“As facetas do torcedor” conviviam com a ampliação dos novos ordenamentos organizacionais em voga, como a construção de cercas para separar o campo da arquibancada (o distanciamento entre torcedor e jogador) e as insistentes solicitações de adequação às normas de disciplina e segurança.

Pode-se dizer que esses mesmos torcedores manifestavam costumes próprios construídos em suas experiências anteriores com o futebol e com o torcer, em grande parte alheios às modificações de conduta e à moralização que os defensores do regime profissional advogavam. A construção de cercas, por exemplo, não seria capaz de conter as invasões de torcedores até, pelo menos, meados da década de 1940. Tradição e modernidade; costumes e mercado comporiam um cenário dúbio com diferentes manifestações. O “moderno”, ao mesmo tempo em que representava evolução, também poderia fomentar a “barbárie”. Já a tradição, imbuída de pureza, originalidade e referência histórica, pecava pelo atraso. Nesse “jogo”, o profissionalismo, entendido no momento de sua adoção como uma ação evolutiva, desencadearia episódios poucos condizentes com a modernização dos esportes e com a civilização das condutas apregoados naquele momento.

---

<sup>12</sup> AS DUAS facetas do torcedor, p. 3.

<sup>13</sup> AS DUAS facetas do torcedor, p. 3.

Um fato representativo aconteceu em um jogo entre América e Atlético no ano de 1945. O estádio Antônio Carlos estava “apinhado”, como descrito no *Diário Esportivo*, e no momento de espera de entrada das equipes, as torcidas protagonizaram uma peculiar guerra.

E como não começava o jogo principal, nem apareciam os times, eis que o corpo social atleticano e a torcida do líder iniciaram uma terrível guerra de laranjas. Não se sabe bem como começou. O certo é que em poucos minutos, laranjas, cascos e bagaços eram atirados de um para outro lado, carimbando paletós, camisas, gravatas, chapeos, rostos e cabelos. Naquele aperto, cada um procurava se entrincheirar atrás de um cavalheiro mais robusto. Muitos tiraram o paletó, para livrá-lo de uma possível mancha. A polícia de dentro do gramado e as gerais deliciavam o espetáculo (aliás, pouco agradável para os seus participantes) [...].<sup>14</sup>

Nesta reportagem percebe-se a divisão espacial estabelecida no estádio, o lugar do “corpo social” dos clubes e as “gerais”, lugar dos demais torcedores que pagavam um preço mais acessível. Essa divisão já estava presente na construção dos primeiros estádios belo-horizontinos da década de 1920, como demonstrou Souza Neto (2010). Curiosamente, a guerra de laranjas se iniciou no “corpo social”, protagonizada por cavalheiros que vestiam paletós e usavam chapéus. Este fato pode ser um demonstrativo de que as novas significações presentes no futebol faziam parte de comportamento geral, o do torcedor de futebol, embora as distinções de classe (manifestadas, por exemplo, pelo lugar ocupado no estádio e pela vestimenta) ainda estivessem fortemente presentes naquele contexto.

Outras guerras não tão inofensivas eram, ao mesmo tempo, descritas nos jornais. A rivalidade clubística passou a ser assunto corrente nas abordagens sobre as manifestações de violência. Contrariando os prognósticos da imprensa, os episódios agressivos não diminuíram com o advento do profissionalismo. O recrudescimento das rivalidades foi em grande medida potencializado pelo incremento da espetacularização e da midiaticização do jogo (via imprensa periódica e radiofônica). Esta circunstância pode ser identificada como um fator que ampliou a evidência aos clubes e acirrou identificações e partidarismos de seus adeptos. Elementos como fidelidade e honra, presentes nas formulações amadoristas de

---

<sup>14</sup> A GUERRA das laranjas, p. 2.

princípios do século XX, ressignificaram-se no novo contexto profissional, em que a vitória, a despeito da competição cordial, passou a ser legitimadora de tais predicados.

Em uma das reportagens anunciava-se que o futebol estava se enveredando por “caminhos perigosos”.<sup>15</sup> Com o alerta “qualquer dia vai sair tiro”, o texto denunciava que “torcedores inconscientes” estavam “provocando uma situação difícil para o nosso futebol”<sup>16</sup> e propunha a ação imediata das diretorias e, em último caso, da polícia. Ressaltava-se a passionalidade que envolvia o “futebol sensação, o futebol neurastenia”, pontos importantes para a vitalidade do jogo, porém, quando mantidos dentro dos limites que não resultassem em excessos e prejuízos.

O futebol é um poço de sensações, agita [...] os nervos do torcedor, provoca as manifestações mais variadas e múltiplas, entre alegres e retraídas, nostálgicas e ruidosas, indiferentes e expansivas. Livres para escolher as cores de sua simpatia, o torcedor grita à vontade, expande-se ruidosamente nas arquibancadas, quando o seu time preferido avança para o triunfo. Recolhe-se ao seu sentimento de desespero quando, contrariamente, vê o arco do seu clube vasado mais vezes pelo adversário superior.<sup>17</sup>

A reportagem mencionava como exemplo dos excessos as provocações realizadas entre torcedores, que extrapolavam os limites da boa convivência de outros tempos. Evocando um período anterior, remoto e abstrato, o texto relatava que as “manifestações de alegria e de ‘gozo’ não ultrapassavam os muros da cancha em que se realizava a partida”, estendendo-se por “rodinhas partidárias, nos clássicos pontos de reunião desse ou daquele clube, sem maiores agravos”.<sup>18</sup> Um dos lugares de encontro de torcedores mais divulgados pelos periódicos eram os cafés do centro da cidade, a exemplo do Bar do Ponto. Outros estabelecimentos também se destacavam por esse propósito aglutinador, como o Café Palhares e o Trianon. Igualmente, a Praça Sete, localizada no intercruzamento de duas das principais avenidas de Belo Horizonte em seu ponto mais central, era um local privilegiado para esses encontros. Entretanto, “jamais um torcedor ia a própria cancha do ‘fan’ adversário para tripudiar sobre sua derrota”.<sup>19</sup> Para a publicação

---

<sup>15</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

<sup>16</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

<sup>17</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

<sup>18</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

<sup>19</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

em questão, a ocorrência de tal acontecimento promovia uma desestabilização das relações entre os torcedores.

Um dos exemplos citados foi prática dos “enterros”, que consistia em simular o sepultamento da equipe adversária após a sua derrota: “Os americanos, após a última vitória sobre o Atlético, deixaram o Trianon, seu quartel general, fazendo uma passeata até a Praça 7, carregando um ‘caixão’”. O narrador manifestava temor pelo possível encontro do bando americano com algum grupo de atleticanos pelas ruas: “talvez houvesse até um conflito”. E nesta investida argumentativa, advertia sobre a ocorrência de uma “mutação inesperada, inconcebível”: “As torcidas esquecem o decoro devido ao adversário vencido, olvida as leis da educação esportiva e os sentimentos de cordialidade que devem prevalecer entre clubes amigos e co-irmãos”.<sup>20</sup>

No jornal *O Amadorista*, o cronista Dilson Andrade de Aquino produziu um longo texto relatando o seu espanto ao acompanhar a realização de um dos “enterros” protagonizado por integrantes de um clube amador. Os escritos do autor relatam com maiores detalhes a ocorrência da prática e, por este motivo, serão transcritos na íntegra.

Despreocupado, eu me encontrava na “fila” para adquirir ingresso afim de assistir a um filme excepcional que se exhibia em um dos cinemas da Rua da Bahia. Era domingo, muito movimento, mormente na área que circunda o cinema, isto talvez motivado pelo cartaz do filme que se exhibia; automóveis estacionados congestionavam o transito, não obstante, os elétricos desciam a Rua com regular velocidade. De um dos bondes saltou um atleta, numa verdadeira demonstração de “acrobacia”, procurava alguém, seguia “fila”, como que necessitasse de favores, para não sujeitar-se a essa modalidade da época, que se tornou necessidade. O “Artista” me reconheceu, ofegante ainda, iniciou a conversa: Você não foi convidado a acompanhar o “Enterro do Príncipe”, perguntou. Confuso e intrigado, respondi: “A família real não me honrou com a participação da morte do Príncipe e muito menos me convidou para assistir o seu sepultamento. Intrigado ainda sobre a “morte do Príncipe”, apesar de nossa conversa chamar a atenção dos componentes vizinhos da “fila” eu o escutava com paciência. O enterro é no Bairro do Mendonça, continuou o rapaz. No Bairro do Mendonça? Onde fica isto Santo Deus?... O informante explicou-me. Levado pela curiosidade, abandonei meu lugar, desisti de ver o filme e rumei para o “Mendonça”. Estacionado na Rua São João Evangelista esperava pela passagem do féretro. Não duvidei que o encarregado da “Cidade dos pés juntos”

---

<sup>20</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

recusasse o sepultamento de um “sangue azul”, apesar de ser noite. Vozes estranhas e confusas anunciavam a aproximação do enterro. Indaguei de uma senhora idosa: “há reinado no Mendonça”? Ela não me compreendeu. Expliquei-lhe detalhadamente o que desejava saber. Príncipe é um clube de futebol... respondeu a velha. O time aqui do Mendonça o arrazou e agora faz o seu enterro. Continuava confuso... queria mais detalhes, mas surgia, enfim na curva, o esperado desfile fúnebre. Que espetáculo presenciei! Centenas de homens conduziam um caixão, haviam caveiras e velas, e o mais esquisito é que não faltava a “Caninha”. Fiquei extático, perplexo e mudo, acompanhava com os olhos aquele impressionante desfile. Ao meu lado, a velha percebera o meu espanto, a minha reprovação, a minha indignação e com um sorriso sarcástico e amarelo falou: Espere o baile, seu moço. Baile? Depois de enterro! Eu não danço, minha senhora. Voltei, o espetáculo me impressionara, aquilo era caso de polícia... Longe, ainda ouvia o eco de vozes dos fanáticos; quando se arrebanham são perigosos, o seu conjunto é nocivo quando reina o clima da mediocridade. Pobre amadorismo!<sup>21</sup>

Outro caso semelhante envolvendo provocações entre adversários mereceu destaque, desta vez protagonizado por alguns cruzeirenses que saíram às ruas para provocar um popular torcedor americano: “[...] após o jogo, dirigiram-se em grupo ao restaurante do conhecido paredro Chico Rufolo, conduzindo cartazes e, em frente àquele estabelecimento, puseram-se a ‘gozar’ o triunfo. Por sorte, Chico Rufolo não estava presente e a coisa ficou apenas em gritaria”.<sup>22</sup>

A reportagem defendia atitudes diferentes para os torcedores: “moderadas, sempre dirigidas no objetivo da cordialidade e bem-estar entre os clubes”.<sup>23</sup> Entretanto, naquele momento o sistema organizacional do futebol estava centrado em outros princípios, sobretudo no da competição como via de se alcançar a vitória, e esta como caminho para o sucesso financeiro e para a representatividade social. O poder econômico (fruto da rentabilidade do negócio esportivo) e a novas vivências do jogo (não mais circunscrito a uma distinção restritiva e aristocrática, mas cada vez mais voltado para uma representatividade expansionista, massiva e fanática) pouco condiziam com a manutenção do espírito esportivo dos primeiros anos do amadorismo na cidade.

Como alternativa aos fatos mencionados, a publicação defendia a intervenção da entidade gestora do futebol (F.M.F) e dos dirigentes dos clubes: “A

<sup>21</sup> AQUINO. O enterro do Príncipe, p. 1.

<sup>22</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

<sup>23</sup> CANELADAS. Diário Esportivo, p. 5.

esses cabe a tarefa de zelar pelo prestígio e moral do nosso ‘soccer’. Sua ação deve atingir mesmo a própria torcida, por meios indiretos, é claro, em seu direito benéfico e do esporte”.<sup>24</sup>

Caso, porém, os nossos dirigentes não queiram ou não possam evitar ou mesmo restringir tais excessos, vamos então apelar para as autoridades policiais. A situação, não resta dúvida, já chegou a ser de ordem pública. O fato é que, se não houver uma atitude providencial imediata, qualquer dia estaremos registrando ocorrências lamentáveis e, talvez, trágicas, no cenário do futebol mineiro. Vamos evitar que saia ‘tiro’...<sup>25</sup>

Contudo, como mais um exemplo das contradições que se processavam naquele incipiente contexto do profissionalismo, o acirramento das rivalidades era instigado pelo próprio periódico em outras ocasiões. Foram várias as provocações localizadas nas páginas do *Diário Esportivo*, em forma de estórias, anedotas, composições musicais, poemas e charges. Uma delas foi produzida na ocasião de uma derrota do América em uma partida contra o Cruzeiro.

Segunda-feira, na Praça Sete, havia um verdadeiro ‘meeting’ futebolístico. Jogadores, torcedores, juizes e paredros, todos discutindo o clássico. E assim, pudemos ouvir boas bolas dentre as quais salientamos as seguintes:

[...] o simpático cruzeirense, chegou com essa:

‘Vocês sabem que ficaram desfeitos todos os rumores sobre uma possível rivalidade entre Aldo e Niginho? Sim, pois vocês não viram que Niginho ‘deu uma bicicleta para o Aldo não ir mais a pé para Santa Maria’?..’

E os venenos contra o América eram terríveis. Uns diziam que Chico Rufolo vendera a chacinha sábado, já prevenido a derrota de domingo, outros que a firma que distribuiu no campo amostras de comprimidos contra dor de cabeça era americana, e assim por diante.<sup>26</sup>

Ao mesmo tempo em que os textos se mostravam preocupados com possíveis desfechos impetuosos oriundos das ações provocativas dos torcedores, também assumiam situações capazes de desencadear a mesma violência que condenavam. Segundo a publicação anterior, os culpados pelos agravos no cenário esportivo eram os torcedores e os seus costumes “pouco adequados”.<sup>27</sup> Com a centralidade na figura do público, as ações da imprensa pareciam se fundar em

---

<sup>24</sup> CANELADAS. *Diário Esportivo*, p. 5.

<sup>25</sup> CANELADAS. *Diário Esportivo*, p. 5.

<sup>26</sup> CANELADAS. *Veneninhos do Cruzeiro X América*, p. 5.

<sup>27</sup> CANELADAS. *Veneninhos do Cruzeiro X América*, p. 5.

uma suposta neutralidade, conformada por certa autoridade na condução das narrativas e das argumentações sobre o esporte. Pode-se inferir sobre a existência de uma legitimidade da imprensa, que autorizava sua “provocação erudita” (pautada nos códigos da escrita e no poder da transmissão de informações) e desautorizava as formas de “provocação popular” (fundadas, sobremaneira, nos costumes e na oralidade).

A suposta neutralidade apregoada pelos periódicos esbarrava-se em características que denotavam a existência de outras relações que contrariavam as preocupações veiculadas. Os próprios jornalistas eram declaradamente torcedores, embora fizessem questão de salientar a imparcialidade de seus escritos.<sup>28</sup> Nesse caso vale ressaltar a necessidade do olhar atento e criterioso do pesquisador ao abordar esse tipo de fonte, já que o jornalista é, comumente, também um torcedor.

Ainda como parte das produções discursivas acerca do comportamento do torcedor, outro artigo anunciava: “Vamos moralizar a torcida!”.<sup>29</sup> O centro da argumentação residia na constatação de que o público assistente não tinha a exata noção das dificuldades enfrentadas pelos jogadores em campo: “O que acontece é que a maioria dos torcedores nunca pisou num gramado, isto é, jamais integrou qualquer time num jogo de importancia, perante ‘incalculável multidão’”. E, nesse caso, propunha-se uma inversão.

Se fosse possível ‘bolar as trocas’, quer dizer, botar os torcedores em campo, correndo atrás da pelota e reclamando do juiz, enquanto os legítimos jogadores ficavam gritando das arquibancadas, então, sim, eu penso que tudo ficaria moralizado. É muito fácil chamar um juiz de ‘bacará’, embora ele nunca tenha pisado num cassino, ou dizer que tal ‘player’ é ‘perna de pau’, conquanto ele possua os ‘pisantes’ perfeitos. O difícil, entretanto, é apenas o próprio futebol, cujas regras não permitem que haja dois vencedores numa mesma partida.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> Em uma das edições do Diário Esportivo constava a filiação clubística dos editores do impresso. O título da reportagem “Na surdina” vinha acompanhado do texto: “Todo cronista ou comentarista esportivo tem, via de regra, as suas preferencias partidarias. É verdade que fora das suas funções, pois, no exercício do ‘metier’, a inclinação por este ou aquele clube deve desaparecer para que não haja parcialidade de julgamento”. Após esta citação, uma lista com catorze integrantes do jornal, com seus respectivos clubes, foi publicada (DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 04 out. 1945, n. 11, p. 5). Em outra reportagem, ao se referir aos “partidos da direção”, o Diário Esportivo preferiu não manifestar a predileção de seu corpo diretivo “para permanecer na “classe dos não-beligerantes”. Entretanto, apontou os clubes de diretores de outros jornais. (DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 01 nov. 1945, n. 15, p. 9).

<sup>29</sup> VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

<sup>30</sup> VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

O texto se encerrava com outra proposição, considerada como solução para o problema “da insatisfeita torcida”: a aplicação de punição aos torcedores pelo Tribunal de Penas da F.M.F: “apliquemos punições também aos torcedores, suspendendo-os por determinados números de jogos, conforme se faz com os jogadores”. Em tom irônico, concluiu-se que “no fim de um mês, não haverá uma só pessoa assistindo a jogos oficiais e a torcida estará, assim, moralizada”. E, com esta perspectiva, “o caso da falência dos clubes ficaria para se estudar depois”.<sup>31</sup>

A reportagem em questão suscita alguns pontos importantes. O primeiro é a reiterada culpabilidade direcionada aos torcedores. Segundo o texto, somente com a extinção da torcida a almejada moralização seria possível. O segundo ponto é a proposição de mais uma medida normativa de controle do público assistente, além da já mencionada separação das arquibancadas do campo: a suspensão dos torcedores em determinados jogos. Possivelmente, o autor do artigo não imaginou que esta medida (abordada por ele de forma irônica) seria, anos depois, adotada no futebol brasileiro. O terceiro ponto, o mais relevante, refere-se à criação do Tribunal de Penas da F.M.F, em 1943, a partir de uma resolução aprovada pelo C.N.D em novembro de 1942, que, dentre outras determinações, exigia que todas as federações brasileiras constituíssem obrigatoriamente tal entidade para a execução dos campeonatos do ano de 1943.<sup>32</sup> Era atribuição do Tribunal de Penas “o julgamento e a punição de qualquer transgressão do estatuto, regulamento, código ou resoluções de algum órgão ou poder desportivo da federação ou aquela que estiver sujeita, na forma do Decreto-Lei nº 3.199/41”.<sup>33</sup>

Por disposição do número 32, cada federação deveria elaborar um código disciplinar e de penalidades para vigorar no campeonato de 1943 [...]. Estavam jurisdicionados ao Tribunal de Penas as associações (clubes), atletas, árbitros, bandeirinhas (juizes de linha), dirigentes, sócios de clubes desportivos, técnicos, treinadores, massagistas, auxiliares ou empregados de associações. A competência abarcava, também, quem estivesse a serviço da federação ou de entidade desportiva e desconsiderasse as autoridades ou membros de poderes ou órgãos desportivos (item 30).<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

<sup>32</sup> SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro.

<sup>33</sup> SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro, p. 170.

<sup>34</sup> SOBIERAJSKI. Política do direito desportivo brasileiro, p. 170.

Embora a maior culpabilidade pelos males do futebol tenha se centrado na figura dos torcedores (na visão dos impressos), as novas proposições disciplinares do Tribunal de Penas estariam mais voltadas para o comportamento tido como desviante dos jogadores. Nesta perspectiva, pode-se perceber a violência como parte de um contexto maior, coparticipativo e relacional, aliada à própria lógica do espetáculo e do preço atribuído à vitória. Esperava-se que os jogadores, tornados profissionais, tivessem outro comportamento, mais afeito ao de trabalhadores que prestavam serviços aos seus clubes e recebiam vencimentos por isso.

Outro excerto da reportagem anterior reafirmava o que se desejava para o futebol, a partir de um entendimento mais amplo de esporte.

O esporte é o divertimento das multidões. É barato, é emocionante, está ao alcance de todos. Ao lado de sua função de divertir, pode e deve ter a função de elevar. Daí a estranheza que causam gestos, palavras ou atitudes que possam ofender aos sentimentos elevados das famílias mineiras que acorrem aos campos. Não nos esqueçamos nunca: o esporte não é um fim em si. Para alcançar uma vitória não se justificam todos os meios.<sup>35</sup>

No entanto, o esporte das multidões já era gerido por um mercado para as multidões e, nesse caso, muitos meios poderiam ser mobilizados e justificados para se alcançar uma vitória com um fim em si mesma.

Outro ponto a se destacar é que alguns árbitros ainda eram vinculados aos clubes como ex-atletas, ex-dirigentes e, até mesmo, como torcedores declarados, situações que ocasionavam conflitos periodicamente. Um exemplo significativo é o do árbitro Ari Martini, culpado por uma péssima arbitragem em um jogo entre Cruzeiro e Villa Nova, em 1945, já que o mesmo era ex-diretor do Cruzeiro “até pouco tempo, tendo sido mesmo técnico do *team*”.<sup>36</sup> Também havia o caso do árbitro Raimundo Sampaio, conhecido como Mundico. Ex-jogador do Sete de Setembro, sendo posteriormente presidente da equipe, protagonizou alguns episódios polêmicos em suas atuações. Da mesma forma, situações semelhantes transcorriam com outros ex-jogadores, ex-técnicos e ex-dirigentes que resolviam adotar o apito.

---

<sup>35</sup> VAMOS moralizar a torcida, p. 7.

<sup>36</sup> O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título, p. 5.

Diante dos frequentes episódios de violência envolvendo torcedores e jogadores, a reportagem se encerrava com a proposição de uma irônica solução, porém não menos demonstrativa de uma realidade que recheava, há tempos, as páginas dos jornais.

É... Não há outra alternativa. Teremos mesmo de modificar a estrutura do atual quadro de juizes da Federação Mineira de Futebol. Vamos colocar no dito desembargadores, juizes de direito e promotores de justiça, devidamente resguardados pelos delegados de policia e forças do exército. E, como ultima sugestão, fazer realizar todos os jogos do campeonato do pátio da Secretaria do Interior. Dali, rapidamente, os jogadores e torcedores serão transportados para o xadrez.<sup>37</sup>

As situações mencionadas nos periódicos demonstram os paradoxos de uma estrutura esportiva que buscou caracteres fundados em uma ideia de profissionalização antes mesmo de sua regulação, mas que se manteve, ao menos até a década de 1940, com princípios e pressupostos dos tempos do amadorismo. Tal fato demonstra que o entendimento de amadorismo e de profissionalismo não pode se resumir em uma única via explicativa – a da simplista “transição” de um regime para o outro (até mesmo porque o amadorismo continuou existindo). Pode-se observar que o ideal amador mantido no regime profissional possui, pelo menos, duas possibilidades interpretativas, quais sejam: a do discurso e a da organização prática.<sup>38</sup> Por vezes, a intenção fundada na organização prática do profissionalismo distanciava-se do discurso amador (considerado retrógrado e obsoleto) para aproximar-se dos intentos considerados modernizadores e mais afeitos ao mercado em gestação. Entretanto, a própria estrutura organizacional se mantinha com caracteres próprios do período amador inicial, o que denota, além dos distanciamentos entre discurso e prática, possíveis tentativas de se manter relações de poder construídas e solidificadas no amadorismo.

De maneira inversa, quando os novos ordenamentos escapavam do controle dos clubes e das entidades dirigentes, especialmente no que tange ao comportamento do público assistente, as prerrogativas originais do amadorismo – calcadas na disciplina, no respeito, no cavalheirismo e na honra – eram

---

<sup>37</sup> O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título, p. 5.

<sup>38</sup> SOUTTO MAYOR. *O futebol na cidade de Belo Horizonte*.

mobilizadas como estratégias normativas. Se o mercado que se expandia não delimitava limites ao capital, relegava-os ao público consumidor, como fator necessário à manutenção da rentabilidade do espetáculo.

A consolidação do profissionalismo em consonância com o próprio recrudescimento de um mercado futebolístico alavancou as normativas de regulação do jogo e do comportamento de seus personagens. Não se pode dizer que o profissionalismo, em si, foi o gerador de todas as transformações que se procederam. Muitas delas já estavam em andamento anos antes de sua implantação. O que se pode constatar são as novas relações que o regime possibilitou ou incrementou: como o desenvolvimento de um mercado específico; o aumento da visibilidade midiática; a centralização efetiva nas transações financeiras e nas arrecadações das partidas; o acirramento das competições; o aumento da importância do clube como elemento de representação identitária de variados e heterogêneos grupos; a ampliação do público torcedor e dos estádios; e o aumento da cobrança em relação aos árbitros (“donos” do destino das partidas e de seus “lucros” para os clubes).

Inseridos nessa conjuntura, para além do controle dos comportamentos, outros controles, desta vez direcionados à quantificação do público frequentador dos estádios, também se desdobravam em outras contendas. Nessas dualidades – moralidade/ mercado; retenção/expansão –, a temática das condutas dividia espaço com o controle da rentabilidade dos jogos. Mecanismos que pudessem evitar as suspeitas sobre a evasão de rendas e apaziguar os ânimos de dirigentes e integrantes da imprensa constituíam pauta importante em meados da década de 1940. Em uma reportagem publicada no ano de 1946, noticiava-se uma medida implementada por um clube inglês no intento de controlar a quantidade de público presente nos estádios. Neste caso em específico, a ação era resultante da ocorrência de um trágico evento.

O West Ham United Football Club acredita ter encontrado uma solução efetiva para o problema de controlar as massas a fim de evitar a repetição do desastre ocorrido em Bolton no ano passado, quando foram vitimados 23 espectadores. Trata-se de uma máquina de registro elétrica que funciona como se fosse um totalizador. Ligada aos torniquetes, registrará automaticamente cada espectador que entrar e

transmitirá o numero a um quadro de controle central nos escritorios do clube. A primeira experiência desse invento será feita em 10 dos 52 torniquetes do campo, no fim desta semana, quando o West Ham enfrentará o Nottingham Forest.<sup>39</sup>

A anunciada experiência inglesa serviria com um exemplo para a criação de novas estruturas de controle do público presente e pagante em Belo Horizonte. As constantes incertezas geradas em torno da real arrecadação dos jogos motivariam inúmeras discussões que desencadeariam, posteriormente, a adoção de um instrumento de mensuração dos espectadores. Um dos artigos questionava: “Há evasão de rendas em nossos campos?”<sup>40</sup> Indagava-se a discrepância observada entre o número de pessoas aparentemente presentes nos estádios e a renda total veiculada. A questão, citada como “motivo de acalorados debates”, evidenciava várias opiniões a respeito.

Temos visto estádios superlotados para rendas anunciadas de 20 a 30 mil cruzeiros. Surgem, então [...], sérias acusações ao órgão encarregado da venda e recebimento de ingressos: a tesouraria da Federação. Por vezes a celeuma é tão forte que dela se ocupam os jornais e rádios da capital, pedindo uma investigação severa a respeito, pela entidade e clubes e até inquérito policial.<sup>41</sup>

Diante das dúvidas que se apresentavam, o redator do texto solicitava aos leitores que acusassem “os pontos falhos do sistema de vendas de ingresso e serviço de portaria da entidade, prestando, assim, [...] inestimável serviço ao esporte mineiro”.<sup>42</sup> A reportagem explicitava a relação entre profissionalismo e rentabilidade das partidas, expressa por meio da preocupação evidente de se controlar o público pagante como premissa básica para a manutenção do negócio esportivo.

Porque, no regime profissionalista, a preocupação máxima das administrações é obter rendas cada vez maiores, para com elas fazer face das enormes despesas que tem de enfrentar. Os torcedores e particularmente, o quadro social de cada clube, quer um ‘team’ bom, jogadores de classe, vitórias e o campeonato. Mas, para ter um ‘team’ bom e jogadores de classe é preciso ter dinheiro para contrata-los (porque cada qual quer luvas e ordenado mais elevados de ano para ano). E, para obter vitórias e o campeonato, é necessário contar com um

---

<sup>39</sup> PERFEITO controle de renda por máquina., p. 1.

<sup>40</sup> PERGUNTA crucial., p. 10.

<sup>41</sup> PERGUNTA crucial., p. 10.

<sup>42</sup> PERGUNTA crucial., p. 10.

quadro de valor. Daí a relevância da questão das rendas dos jogos. Em torno do dinheiro gira o mundo capitalista.<sup>43</sup>

A renda de uma partida em específico, protagonizada por América e Atlético, foi questionada pelo *Diário Esportivo*. O clássico havia “arrastado grande multidão” e estimara-se uma renda entre 40 e 50 mil cruzeiros, “mas a F.M.F anunciou para a surpresa geral, 33.000 cruzeiros”.<sup>44</sup> De acordo com o impresso, fatos como este tinham uma enumeração longa e provocavam no “seio do povo, acentuada reserva quanto aos serviços de arrecadação da entidade”. Eram anunciados como alguns dos fatores desencadeadores deste processo a ocorrência frequente de pessoas que vendiam “ingressos até a preço inferior ao tabelado, nas proximidades dos campos” e o recolhimento “das mãos dos porteiros dos ingressos entregues pelo público, para serem novamente vendidos pelas bilheterias, a pretexto de terem se esgotado”.

Além destas ações, a publicação relatava a descoberta de “um ex-cobrador de um certo clube que mandava imprimir ingressos iguais aos da Federação e os vendia”.<sup>45</sup> O jornal cruzeirense *A Raposa* denunciou a utilização de entradas velhas em alguns jogos.<sup>46</sup> Além das falsificações de ingressos, que o periódico julgou como fato já bastante conhecido no cenário belo-horizontino, mencionava-se a venda de bilhetes antigos, “por algum espertalhão que sabe onde elas ficam guardadas”.<sup>47</sup>

Em outra partida, dessa vez pelo campeonato mineiro, proclamava-se novamente a surpresa causada pela discrepância entre o público observado no estádio e a renda anunciada: “Esperava-se, como era muito natural pelo público que estava presente, que fosse anunciada uma renda assim de uns 40 mil cruzeiros, no mínimo. Entretanto, para pasmo geral, a renda anunciada foi de 15 mil cruzeiros, apenas”.<sup>48</sup> O fato foi descrito como “verdadeiro absurdo, cujas proporções de gravidade entram pelos olhos de qualquer um”.<sup>49</sup>

---

<sup>43</sup> PERGUNTA cruciante, p. 10.

<sup>44</sup> PERGUNTA cruciante, p. 10.

<sup>45</sup> PERGUNTA cruciante, p. 10.

<sup>46</sup> ENTRADAS velhas, p. 7.

<sup>47</sup> ENTRADAS velhas, p. 7.

<sup>48</sup> GRANDE triunfo do Atlético, p. 6-7.

<sup>49</sup> GRANDE triunfo do Atlético, p. 6-7

O texto publicado no *Diário Esportivo* sublinhava a existência de muitas outras situações semelhantes às mencionadas e assinalava que já teriam sido sugeridas “diversas providencias para o maior controle das bilheterias e dos portões”.<sup>50</sup> Segundo o artigo, nenhuma delas havia sido adotada, pois, “após uma verificação superficial”, os clubes chegavam à conclusão de que não havia desvio de renda (mesmo com os casos concretos que se apresentavam) e “fechavam os olhos” para as ocorrências que se repetiam. Diante do cenário que se apresentava, sugeria-se a seguinte medida.

Porque não adotam os nossos clubes relógios que marcam o numero de pessoas que entram, como em casas de diversões daqui e outros centros? Ou, então porque não colocam borboletas nos portões dos estadios? Ainda que disso não resultassem maiores rendas, pelo menos ficaria, de uma vez para sempre, eliminada a controversia sobre a exatidão das cifras oficiais sobre a arrecadação nos nossos grandes jogos.<sup>51</sup>

Outra edição do mesmo periódico trazia o anúncio de uma medida promovida pelo Atlético como alternativa para resolver o problema da evasão de renda. A ação do alvinegro foi relatada como exemplo a ser seguido pelos demais clubes. O título da reportagem já demonstrava o sucesso da proposta: “Salve as ‘borboletas!’”.<sup>52</sup> O mecanismo se assemelhava a uma catraca e teria a finalidade de marcar, com exatidão, a entrada das pessoas no estádio.

Essa história das rendas no futebol profissional mineiro já deu bastante pano para mangas. Volta e meia, a imprensa, o rádio, os clubes e o público em geral comentavam sobre as pequenas arrecadações dos prélios oficiais; não encontrando justificativa para tão pouco dinheiro para tanta assistencia... Falou-se muito em entradas falsas, cambistas inescrupulosos, má fiscalização, ‘penstras’, permanentes, etc. Várias vezes o estádio ‘Antônio Carlos’, superlotado, o Atlético com seu corpo social reduzido, não passavam pelas bilheterias, pelo menos no compute final, mais de 30 ou 40 mil cruzeiros. E o povo ia falando, falando, falando...<sup>53</sup>

“A ideia luminosa” da diretoria atleticana, traduzida na colocação de “borboletas nos diversos portões” em um de seus jogos, resultou no que o jornal definiu como uma “coincidência notável”, pois, “na primeira experiência, a renda

---

<sup>50</sup> PERGUNTA cruciante, p. 10.

<sup>51</sup> PERGUNTA cruciante, p. 10.

<sup>52</sup> SALVE as borboletas, p. 8.

<sup>53</sup> SALVE as borboletas, p. 8.

subiu, vertiginosamente, a mais de 70 mil cruzeiros”.<sup>54</sup> O sucesso da empreitada se traduzia na extinção das entradas falsas, dos cambistas e dos penetras: as borboletas “foram impiedosas para os trapaceiros. Nada de tapeações. Era, ali, no ‘duro’: Cr\$ 71.144,00”! O texto se encerrava com um conselho aos outros clubes: “Coloquem ‘borboletas’ nos seus estádios e talvez não haja mais evasão de rendas. Pelo menos até que seja encontrada uma fórmula de ‘tapear’ as ‘bichinhas’ mecânicas”.<sup>55</sup>

A mensuração exata da rentabilidade das partidas passava a se constituir em elemento central da reordenação do futebol, seja em se tratando de sua estrutura, seja em relação aos seus princípios. O controle do público se manifestava, especialmente, por duas vertentes, ambas necessárias ao negócio esportivo que se incrementava com o advento do profissionalismo: o governo dos comportamentos e o domínio primoroso da receita gerada pelo torcedor-consumidor.

#### **À GUIA DE CONCLUSÃO**

Estas são algumas das novas necessidades que emergiram com as reconfigurações surgidas no cenário esportivo. Percebe-se pelas reportagens certo ineditismo na tomada de decisões relativa aos exemplos citados, o que direciona o olhar para o profissionalismo daquele momento como um processo em permanente construção. No caso mineiro, somente treze anos após a implementação do regime é que o controle da renda dos estádios passou a ser racionalizado por mecanismos próprios.

Os modos de torcer e a figura do torcedor também são reelaborados pela dinâmica do futebol, na cena conflitante do profissionalismo. Como parte essencial do espetáculo, os comportamentos passionais do torcedor deveriam ser adequados ao modelo festivo, sem, contudo, desequilibrar o contexto de uma ordem moderna conformada pelo panorama do profissionalismo.

Por fim, deve-se ressaltar o papel da imprensa como estratégia de divulgação e capilarização deste “novo futebol”, espraiando os códigos de pertencimento e promovendo uma espécie de educação dos sujeitos na apropriação do esporte profissional e seus ordenamentos simbólicos e concretos.

---

<sup>54</sup> SALVE as borboletas, p. 8.

<sup>55</sup> SALVE as borboletas, p. 8.

## REFERÊNCIAS

- A GUERRA das laranjas. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 16 de ago. 1945, p. 2.
- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- AQUINO, Dilson de Andrade. O enterro do Príncipe. **O Amadorista**, Belo Horizonte, 9 set. 1946, n. 3, p. 1.
- AS DUAS facetas do torcedor. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 9 ago. 1945, n. 3, p. 3.
- CALDAS, Waldenyr. **Pontapé inicial: uma memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CANELADAS. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 5.
- CANELADAS. Veneninhos do Cruzeiro X América. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 5.
- CLAUSSEN, Detlev. **Béla Guttmán: uma lenda do futebol do século XX**. São Paulo: Estação Liberdade, 2014.
- DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 4 out. 1945, n. 11, p. 5.
- DIÁRIO ESPORTIVO, Belo Horizonte, 1 nov. 1945, n. 15, p. 9.
- FILHO, João Lyra. A arregimentação da torcida. **Minas Tennis Clube: álbum de vistas**, Belo Horizonte, 1941, n. 1, p. 77.
- ENTRADAS velhas. **A Raposa**. Belo Horizonte, 1 jul. 1946, n. 3, p. 7.
- FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- GRANDE triunfo do Atlético. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 1 nov., 1945, n. 15, p. 6-7.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.
- IWANCZUK, Jorge. **Historia del fútbol amateur en la Argentina**. Buenos Aires: Autores Editores, 1992.
- LAGE, Marcus Vinícius Costa. **Deixem em paz os nossos cracks: análise sociológica da profissionalização do futebol belo-horizontino: a regulamentação e os significados sociais**. Dissertação [Mestrado em Ciências Sociais], Programa de pós-graduação em Ciências Sociais, PUC, Belo Horizonte, 2013.
- LINHARES, Joaquim. **Itinerário da imprensa de Belo Horizonte. 1895-1954**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- MELANCOLICA despedida. **Folha Esportiva**, Belo Horizonte, 8 out. 1946, s/n, p. 1.
- MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. **O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930**. Dissertação [Mestrado em Lazer]. EEEFTO/UFMG, Belo Horizonte, 2010.
- NEGREIROS, Plínio J. Labriola de Campos. **A nação entra em campo: o futebol nos anos 30 e 40**. Tese [Doutorado em História]. PUC-SP, São Paulo, 1998.

O CRUZEIRO transpôs a barreira número 1 rumo ao título. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 27 set. 1945, n. 10, p. 5.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERFEITO controle de renda por máquina. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte. 16 fev. 1946, n. 12, p. 1.

PERGUNTA cruciante. **Diário Esportivo**, Belo Horizonte, 30 ago. 1945, n. 6, p. 10.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína**: a profissionalização do futebol e a inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese [Doutorado em História]. Pós-graduação em História Econômica, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo de S.; PINHEIRO, Caio L. Morais. (Orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol**: análises plurais. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, p. 73-91.

REYNA, Francisco D. **La difusión y apropiación del fútbol en el proceso de modernización en Córdoba (1900-1943)**. Actores, prácticas, representaciones e identidades sociales. Tesis [Doctorado en Historia]. Facultad de Filosofía y Humanidades, Universidad Nacional de Córdoba, 2014.

SALVE as borboletas. **Diário esportivo**, Belo Horizonte, 16 maio 1946, n. 42, p. 8.

SOBIERAJSKI, José Luiz. **Política do direito desportivo brasileiro**. Dissertação [Mestrado em Ciências Humanas]. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 1999.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. **O futebol na cidade de Belo Horizonte**: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer], Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer. Escola de Educação Física, UFMG, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **A invenção do torcer em Bello Horizonte**: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930). Dissertação [Mestrado em Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

VAMOS moralizar a torcida. **Diário Esportivo**. Belo Horizonte, 8 nov. 1945, n. 16, p. 7.

WAHL, Alfred. **Historia del Fútbol, del juego al deporte**. Barcelona: Ediciones B.S.A, 1997.

\* \* \*

Recebido em: 15 de outubro de 2021  
Aprovado em: 31 de janeiro de 2022